

Vídeo - arquitetos\_ep12\_vigliecca\_versao\_bloco\_unico

Duração do Áudio: 00:27:23:00

<b>Legenda</b>	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[Inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Héctor Vigliecca
Orador B	Guilherme Wisnik
Orador C	Nabil Bonduki
Orador D	Orador desconhecido
Orador E	Jorge Bugna
Orador F	Cecilia Lombardo
Orador G	Nelson Trias
Orador H	Caroline de Figueiredo Bertoldi Silveira
Orador I	Lizete Maria Rubano

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador J	Luciene Quel
Orador K	Markus Tomaselli
Orador L	Clarissa Meneguetti Brendler
Orador M	Neli Shimizu
Orador N	Maria Sandra Lima de Oliveira
Orador O	Orador desconhecido
Orador P	Orador desconhecido

00:00:00

Orador A Héctor Vigliecca (00:00:44): Como todo ser humano, nós queremos mudar o mundo. [Inint - 00:00:00:50], seríamos os mais próximos a mudar o mundo, desde um ponto de vista físico, deveríamos de ser. Os arquitetos, os urbanistas, as engenharias, estamos próximos a poder mudar o mundo. Tomar decisões na arquitetura, significa tomar decisões sociais, políticas, técnicas, então essas não são coisas que estão separadas. Essa é uma decisão assim, de vida.

Orador B Guilherme Wisnik (00:01:52): Héctor Viclicca é um arquiteto uruguaio radicado no Brasil, em São Paulo, e que teve desde que chegou aqui um papel muito importante na renovação do nosso panorama arquitetônico. Um olhar contextualista, na inserção dos edifícios na quadra, nas culturas locais em que elas se colocam o que é um ponto de dissonância, de contribuição muito forte. E traz os programas sócias, porque a experiências cooperativas de habitação popular uruguaia, são vanguardistas na América do Sul e no mundo.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador C Nabil Bonduki (00:02:35): Conheci o Héctor, a verdade, a partir de conhecer as cooperativas de habitação uruguaia e que pra nós era uma grande referência naquele momento. Eu tava conversando do trabalho profissional de habitação, e uma preocupação que tinha muito aqui, era de pensar a habitação com qualidade, habitação deve ter todo à vez que [Inint - 00:00:03:01], eram conjuntos sem nenhum tipo de preocupação logísticas, sem nenhum tipo de preocupação arquitetônica. Pra nós era uma luz assim, incrível, porque ela exatamente possibilitava o que queria fazer aqui, que era um trabalho com organizações populares e que tivessem qualidade arquitetônica e urbanística.

Orador A Héctor Vigliecca (00:03:28): Nossa ideia foi sempre fazer a cidade, não fazer uma unidade, isso poderia ter sido feito por outros arquitetos, nós estabelecemos uma condição urbana.

Orador D (00:04:20): Yo soy fanático de esto que hicimos y lo defino como un modo de vida.

Orador E Jorge Bugna (00:04:26): Fue una solución para la vivienda propia, es la vivienda propia. Y vine yo hace cuarenta años con mi s tres hijos chicos. Hoy ya son mayores, casados, tengo nueve nietos...

Orador F Cecilia Lombardo (00:04:37): Es muy bueno vivir acá. Yo tuve mis cuatro hijos acá.

Orador G Nelson Trias (00:04:44): Tenemos ya en los espacios comunes, muchos equipados para toda la actividad deportiva. Después en el salón grande, que le llamamos el salón de usos múltiples, ahí se desarrollan también actividades culturales, actividades recreativas. Y tenemos también algunos comercios, este, tenemos el supermercado, peluquerías, tenemos librerías, venta de, bueno, actualizándose de productos de informática.

Orador E (00:05:22): No es solamente para nosotros. Todo este complejo está abierto al barrio, ¿no? No está cercado y entonces mucha gente del barrio viene también a sus mismos negocios, está integrado.

Somos trecientas treinta y dos viviendas y creo que nunca nos sentimos apretados en todo este espacio común que tenemos como que nos da perfectamente, ¿no?

Orador H Caroline de Figueiredo Bertoldi Silveira (00:06:18) Essa aqui é a forma de trabalhar dele, né? O jeito do trabalho dele é fazer croqui. Desenhos que depois ele vai anotando coisas e a gente senta, vai conversando ele vai desenhando rabiscando, depois eu fico com a equipe tocando algumas coisas, ele volta, a gente conversa mais. Você entende, os objetivos do projeto, aonde quer chegar com o desenho dele, né?

Orador A (00:06:48): Eu tava sempre desenhando desde que era criança. Gostava de desenhar aviões, navios e depois trens. Eu me lembro que estava com 4, 5, 6 anos, desenhei um trem do tamanho dessa mesa. Tudo o detalhe, eu ia lá várias vezes no terminal para desenhar os trens. Eu nasci em Montevideo, me eduque em Montevideo, fiz a universidade lá também. A minha família não tinha nenhuma referência com respeito à arquitetura, arte, nada disso. Eu tinha essa facilidade com desenho então meu pai me incentivava. “Não, então você tem que fazer arquitetura”. Bom, sei lá o que que isso a

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

verdade, o que é arquitetura. Eu tive sorte de que em primeiro ano eu conheci alguns professores absolutamente extraordinários. Desse professores que te fazem amar o que você está fazendo. Eu vivi uma escola muito peculiar, era uma escola extremamente politizada. A universidade na aquela época, realmente liderava os movimentos populares. Isso me custou quase seis meses de cadeia. Quando eu saí da cadeia, eu já fugi pro Brasil. Este lugar, era o centro novo de São Paula na época que eu cheguei a São Paulo. Foi nos anos 75. Esse edifício tinha poucos anos de construído. Eu fiquei impressionado aqui, neste lugar, com dois edifícios. O Terrazo Itália na esquina do antigo estado de São Paulo, ne?

Orador I Lizete Maria Rubano (00:09:23): Esses dois edifícios permanecem como uma referência da cidade, permanecem a pesar de ter tido algumas alterações, né? Principalmente o estádão, né? Que não é mais, hoje é um hotel... Mas eu acho que o que você faz ao longo do teu processo como arquiteto, é isso que me interessa muito, né? E é isso que eu discuto com os alunos, e acho que por isso você faz muita falta na universidade. É justamente como você carrega esta lição, de que as arquiteturas compõem o lugar e as arquiteturas são respostas né, a uma condição de cidade que a gente busca ler, interpretar, reconhecer, alterar, qualquer que seja a nossa ação nesse lugar.

Orador A (00:10:16): Minha preferência em quanto à reflexão de arquitetura, se encaminhou principalmente, não em todos os aspectos, mas principalmente se encaminhou sobre habitação de interesse social. Continua sendo a minha matéria favorita e principalmente as grandes escadas. [Inint - 00:00:10:42 até 00:00:10:51] – (Héctor dando uma palestra, som muito baixo e uma tradutora traduzindo para inglês). Eu não entendo arquitetura com objeto de “design”, isolado, entendo arquitetura como você faz a cidade, né? [Inint - 00:00:11:06 até 00:00:11:17] – (Héctor dando uma palestra, som muito baixo)

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador J Luciene Quel (00:11:18): A grande questão aqui no escritório, né, que é trazida pelo Héctor, que arquitetura é mais, né, do que uma construção, mais do que técnica, mais do que um objeto. Ela é uma resposta a sua reflexão sobre o sentido que você dá pra aquilo que você faz.

Orador H (00:11:44): Acho que ele vive isso, né? Você vê muita coisa de arquitetura, que é uma escultura, que é, que meio, a gente fala que é meio de graça assim né? Não tem muito por quê daquilo ser daquele jeito. E o Héctor não, ele tem um desenho que é mesmo uma função que ele tem naquele lugar.

[Inint - 00:00:11:59 até 00:00:12:09] – (Héctor dando a palestra)

Orador K Markus Tomaselli (00:12:10): I saw a couple of projects published from him and we got into contact to his office by friends by the university community, especially from Porto Alegre, and this was the great opportunity for us to have himself speaking to us and explaining his project.

Orador L Clarissa Meneguetti Brendler (00:12:38): Ele não é um arquiteto de “design”, ele projeta o que a cidade necessita, projeta para as pessoas que vão utilizar esse espaço, que todos consigam conviver juntos num espaço livre, ter ãhn um jardim coletivo, um espaço comunitário.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador M Neli Shimizu (00:13:27): Arquitetura não é uma coisa isolada, lá junta com a cidade, a gente tem uma harmonia entre os dois né? E precisamente em favela você precisa dar a identidade para a pessoa. Ela mora num barraco, ela não sente pertencente à cidade, então a gente utiliza arquitetura, urbanismo, pra se sentir pertencente à cidade.

Orador N Maria Sandra Lima de Oliveira (00:13:54): Ah, era tudo barraca, era casa né? Aí depois que tiraram agora ficou apartamento. Onde eu morava era mais pequeno, e aqui é maior, eu tenho três filhos já é maior meu filho então podem andar, correr, entendeu? Onde eu morava a gente não podia nem se mexer. É o quarto das minhas filhas, não olha a bagunça (risadas), que cheguei agora do serviço. Aqui é o meu quarto. É uma vida melhor, quem não quer ter uma vida melhor, né? Daqui pra coisas melhores, né?

Orador A (00:14:33): Quando a gente fala de um mundo melhor, ãhn, a gente tá se referindo sempre à uma questão física, ou seja, casas habitáveis, ambientes urbanos de qualidade, todas essas coisas que parecem um pouco óbvias, né, mas não são coisas fáceis de traçar.

Orador H (00:15:12): Eu conheci o labor dele na faculdade quando entrei em 1996, mas a gente conhecia, a gente estudava principalmente o SESC [Inint - 00:00:15:21] Nova Iguaçu é uma das obras do início da carreira dele que é bastante icônica. Eu tenho um desenho muito limpo, né, muito objetivo, você entende os objetivos do projeto, onde ele quer chegar com o desenho dele, né?

Orador A (00:15:47): É um projeto, primeiro muito importante para a nossa vida profissional. A Nova Iguaçu era um bairro periférico que não tinha muitos equipamentos

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

sociais, era bastante carente disso, e é difícil dizer bom, como é que *pudo* colocar aqui, aquele programa que era um programa bastante ambicioso de quadras cobertas e quadras abertas, piscina. A piscina só tinha uns quatro mil metros quadrados. Noventa y nove por cento dos projetos [Inint - 00:00:16:25], o que fizeram? Fizeram belos projetos. Aqui, aqui está o projeto. Ou seja, como sempre, num jeito isolado, sempre [Inint - 00:00:16:42]. Isso é o que nós fizemos. Nós colocamos todo esse programa... Essa é uma condição básica totalmente diferente. Ele tem aqui um afrente para o parque e aqui tem uma condição urbana que se conecta com a cidade urbana. A tal ponto que diria assim que aqui a arquitetura não me interessa. Me interessa qual é a ação que eu faço no território. A gente está apaixonada pela questão urbana, e a urbana quando mais intensa melhor. Mais se temos essa coisa [Inint - 00:00:18:08] de que de vez em quando precisamos de ter em volta o verde, ter em volta a natureza. Essa outra parte que também nos chama, *¿no?* Acho que isso forma a parte da natureza humana. Acho que o desenho é uma coisa que eu trago desde criança, eu tinha sempre uma vontade de desenhar coisas, *¿no?* Às vezes eu passava por certos momentos em que essa vontade brotava com uma força bastante especial. Em um momento em São Paulo houve uma exposição. Realmente foi uma surpresa de conhecer em Ibirapuera, museu de arte moderna, nos 80 mais ou menos e eu já estava morando aqui em São Paulo. Eu fiquei apaixonado por esses desenhos, eu saí de lá e fui comprar papel e a comprar instrumentos e... e... caneta de desenho e aquarela porque eu quis ensaiar o que conseguia fazer. E eu comecei, digamos assim, imitando esse modo, digamos, de, de... o traço, o tipo de cor, e eu comecei a fazer mais ou menos o mesmo, aquarelas, carvão e, sobre o papel, e, desenhava, e desenhava, desenhava, até a exaustão. Me lembro que uma vez eu deseguei tanto, tanto, tanto, tanto, eu, eu tava, bebendo whisky, tomava whisky, desenhava, desenhava, chegou *al final de la tarde*, me tiveram que levar no pronto socorro e não ficava, não ficava em pé. A concentração quando faz um projeto envolve por exemplo, *ãhn*, uma multiplicidade de assuntos. Ou seja, há uma complexidade que é muito grande, muito, muito grande, então realmente acho que a cabeça trabalha aí de maneira diferente. Quando você faz, tá reproduzindo um

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89



objeto e um clima, é, é, vamos dizer, é menos complexo, mas é tão difícil como outro. Eu sabia quando não ficava bom, ãhn e a maioria dos desenhos não fica bom, você tem que fazer dez, par que desses dez, você, você consiga selecionar um. Eu acho que fica bom, quando fica bom.

Orador O (00:21:30): De novo?

Orador A (00:21:34) Tocar *bajo* ou tocar qualquer outra peça dá um trabalho. Não existe tocar por divertimento, não existe isso, é uma concentração, é um exercício de intelectual, extremo. De criança eu tinha uma professora de piano que era una, uma mulher insuportável, (risadas) insuportável, para mim era um sacrifício terrível. Minha mãe nos obrigava a estudar música. Essa era minha mãe, jovem ainda, aqui teria dezoito anos ainda, dezoito anos...

Orador P (00:22:18) Esse é você? Ou é seu irmão?

Orador A (00:22:20) Não, esse sou eu, esse sou eu na primeira comunhão. Aqui tô com meus irmãos, os três sempre com a mesma roupa. Eu era músico de um conjunto de música folclórica. Fazer música é muito difícil, não é que a gente tocando, a gente foge da realidade. Tem que ter uma *concentración* na, na partitura e na memória. Depois que você sabe ler e tocar, aí tem que fazer música, tem que interpretar, fazer, não, aqui a música tá perguntando, aqui a música tá respondendo. Eu quando dou aulas na escola, dou palestras eu, eu sempre uso peças musicais para, fundamentalmente para explicar o valor da interpretação. Nós não fazemos uma leitura literal da solicitada. Nós fazemos uma interpretação, esse é o nosso trabalho. Nós interpretamos as solicitações. Essa é a

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89

questão, interpretar a realidade. Não é uma questão matemática, não é uma somatória de elementos descritíveis, o fazer aquilo é muito doloroso. Porque *es* um esforço, um esforço intelectual enorme, muito grande, de você estar extremamente concentrado, você não pode fazer um croqui que esse croqui fique bem e você tá pensando no cinema que vai ver à noite. Não dá, ou você tá lá dentro com todo seu esforço, então, aí sim realmente, isto dá resultado. A criatura, sempre, existe um valor, que *es* o valor da responsabilidade. Que isso tá sempre presente, cliente, que isto, que o custo... O tempo que você gasta em uma coisa, tem valor em dinheiro, *¿no?* Um custo, o tempo, nós vendemos tempo, então esse tempo tem que ser muito bem usado.

Orador H (00:25:15): Ele tem mais de quarenta anos de profissão, de experiência e ele se empolga com todo projeto novo que aparece no escritório, independente do tamanho do projeto, todo projeto é um desafio.

Orador A (00:25:34): Eu tenho sempre a sensação de que estamos começando, *es* uma vontade de fazer, de inventar. Eu, por exemplo, eu tenho uma paixão por exemplo quando você me mostra um problema muito complicado e você se sente para resolver o problema complicado, ou seja a complexidade me apaixona. Acho que não tem idade para isso, me apaixona, a complexidade é minha paixão. Com arquitetura você não faz nenhum tipo de revolução. Você estabelece condições a que outras revoluções políticas, de policiamento, de administração, andem em caminho que você acha que deveria ser o caminho correto.

00:00:27:23

Fim da gravação.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ  
CNPJ: 23.923.180/0001-89